

**JUSTIÇA
CIDADANIA &**

revistajc@revistajc.com.br - www.revistajc.com.br

GUERRA & PAZ



TRANSMISSÃO DE CARGO NO TRF-2

ESPECIAL: IGNOMÍNIA CONTRA A CULTURA JURÍDICA



SAIBAMOS TRAVAR A GUERRA JUSTA

Augusto Nunes

Mais que um direito, é um dever dos brasileiros decentes indignar-se com a crescente ousadia do crime organizado, exibida no Espírito Santo com o assassinato do juiz Alexandre Martins de Castro Filho. Os bandidos agora matam magistrados. Não concederam ao país tempo suficiente para recuperar-se do assombro causado pela execução, em Presidente Prudente, do juiz Antônio José Machado Dias. Mas o direito de

surpreender-se, esse já não o tínhamos. Em Vitória, na manhã de segunda-feira, 24 de março de 2003, apenas se materializou outro capítulo de um roteiro hediondo, mas perturbadoramente previsível.

Os tambores dessa guerra do Brasil vêm soando há muito tempo, estimulados pela surdez epidêmica que acometeu tanto governantes quanto a imensa maioria dos homens de bem. Não faltaram avisos, mas a sociedade aparentemente blindara os tímpanos contra certos barulhos. Os primeiros emergiram dos combates travados para a fi-

xação dos domínios de cada quadrilha. Eram batalhas brutais, mas distantes. Melhor fingir ignorá-las e a seus mortos de cova rasa.

Depois, os bandos especializaram-se em atividades bem mais lucrativas. Bancas de jogo de bicho viraram coisa de amador. Reduziram-se a parte da fachada urdida para camuflar o comércio de drogas e armas, capaz de movimentar milhões de dólares por mês. Isto sim valia a pena e o risco. Seguiu-se a montagem de conexões que ampliaram e consolidaram o poder dos grupos. Já sobrava dinheiro para atrair gente bem mais graúda que policiais do baixo clero prontos para embolsar propinas.

Por ação ou omissão, acumpliciaram-se ao crime organizado figuras homiziadas no cardinalato do aparelho policial, no Ministério Público, na imprensa, no Legislativo, no Executivo, no Judiciário. Hildebrando Paschoal, um ex-oficial da PM que usava serra elétrica para livrar-se de desafetos, elegeu-se deputado federal pelo Acre. O meliante José Carlos Gratz tornou-se presidente perpétuo da Assembleia Legislativa do Espírito Santo. Repórteres passaram a mencionar, com a naturalidade de quem se refere a representantes de agricultores do Sul, uma "bancada do narcotráfico" existente na Câmara.

A vida bandida abrandou-se. Eventuais temporadas na cadeia deixaram de ser tão penosas. Embora apelidados de "presídios de segurança máxima", aqueles conjuntos de celas podiam ser transformados, pela força do suborno e do medo, em motéis de qualidade razoável. Valendo-se de celulares e esquadrilhas de pombos-correio formadas por advogados, parentes e carcereiros, chefões em repouso no presídio seguiram distribuindo ordens, administrando negócios criminosos, promovendo festas e maratonas sexuais. Comida e bebida nunca faltaram. No Brasil, cadeia engorda. Só no Brasil.

Quem tentou atrapalhar, acabou interceptado por matadores. Até hoje não foram identificados os assassinos de Sidnéia Santos de Jesus, a diretora de Bangu-1 que ousou podar algumas regalias - intoleráveis, absurdas - concedidas aos, digamos, prisioneiros. Em setembro de 2000, ao chegar a sua casa

na Ilha do Governador, três tiros cumpriram a promessa reiterada em cartas. Sidnéia prevenira as autoridades de que recebera recados ameaçadores. Cópias das cartas devem ter sido arremessadas por um funcionário entediado a alguma lata de lixo da Secretaria de Segurança Pública do governo do Rio. Em janeiro de 2002, o promotor de Justiça Francisco José Lins do Rego foi liquidado a bala em Belo Horizonte. Os culpados seguem impunes. Também no ano passado, os assassinos julgaram conveniente mandar um recado à imprensa. Perdemos Tim Lopes, executado por bandidos liderados por *Elias Maluco*. E agora eles matam juízes.

Foi assim na Itália. Foi assim na Colômbia. Haveria de ser assim no Brasil: o roteiro

costuma repetir-se, com variações que não lhe alteram a essência, nos países que só puderam avaliar o tamanho do tumor quando resolveram removê-lo. Na Itália, além de magistrados, mafiosos mataram o general Carlo Alberto Dalla Chiesa, vencedor do combate aos terroristas das Brigadas Vermelhas. Na Colômbia, não escaparam da fuzilaria sequer candidatos à Presidência

da República. Ainda não chegamos a tanto. Mas esse capítulo virá se a contra-ofensiva do Brasil saudável não prosseguir.

Prosseguir, sim, porque finalmente começou. A mobilização é ainda tímida, mas evidente. Com o assassinato dos juízes, os narcotraficantes emitiram um duplo sinal: não lhes falta ousadia, mas estão preocupados. Até recentemente, não matavam adversários tão vistosos. Mas não havia gente desse porte ostensivamente decidida a enfrentá-los.

Incontáveis combatentes haverão de mover-se se os comandantes passarem da retórica à ação. Que a legislação seja mudada, que os códigos sejam cumpridos, que se construam cadeias de verdade. E que se trave a guerra, um caso exemplar de guerra justa. Como lembrou o procurador-geral de Justiça de São Paulo, Luiz Antonio Guimarães Marrey, "o Estado democrático não pode hesitar em exercer sua autoridade na repressão às organizações criminosas".

Jornalista e Vice-presidente do Jornal do Brasil

QUEM TENTOU
ATRAPALHAR,
ACABOU
INTERCEPTADO
POR MATADORES